

O ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E A CRÍTICA AO EUROCENTRISMO: APONTAMENTOS DESDE FANON

The teaching of African History and the critique of eurocentrism: notes from Fanon

Walter Lippold
Doutor em História UFRGS
Pesquisador do INCT Proprietas - UFF
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8368-4425>
E-mail: prof.walter@proton.me

Recebido em: 29/11/2023
Aprovado em: 01/02/2024

Resumo: O artigo analisa os apontamentos sobre o uso do passado nos escritos de Frantz Fanon, tentando construir substratos teóricos para pensar o ensino de História da África, os currículos e a formação docente. Embasado no pensamento fanoniano, busco produzir uma crítica ao eurocentrismo, principalmente ao quadripartismo francês. Fanon produziu uma compreensão singular sobre a substantificação do passado durante a luta anticolonial. Partindo do conceito de epidermização e seus efeitos na formação de professores e no ensino de História, afirma-se a importância da crítica à divisão quadripartite que modela a forma dos currículos no Brasil. O advento das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 impulsionaram, apesar de todas as resistências de uma sociedade racista, os estudos sobre a História do continente africano no Brasil e a busca pelas teorias e metodologias de intelectuais africanos e afrodiáspóricos.

Palavras-chave: ensino de História da África, eurocentrismo, Frantz Fanon.

Abstract: The article analyzes the notes on the use of the past in Frantz Fanon's writings, trying to build theoretical substrates for thinking about the teaching of African history, curricula and teacher education. Based on Fanon's thinking, I seek to produce a critique of Eurocentrism, especially French quadripartism. Fanon produced a unique understanding of the substantification of the past during the anti-colonial struggle. Based on the concept of epidermization and its effects on teacher training and the teaching of history, the importance of criticizing the quadripartite division that shapes curricula in Brazil is affirmed. The advent of Laws 10.639/2003 and 11.645/2008 has, despite all the resistance from a racist society, boosted studies on the history of the African continent in Brazil and the search for theories and methodologies of African and Afro-diasporic intellectuals.

Keywords: teaching of African History, eurocentrism, Frantz Fanon.

Introdução

Tendo como base minhas pesquisas sobre a participação de Frantz Fanon na luta de libertação nacional argelina, proponho uma análise sobre os apontamentos que o pensador caribenho produziu quanto ao uso do passado - tanto do colonizador quanto do colonizado - e uma reflexão acerca das possibilidades e contradições, de pensarmos o ensino de História da África, partindo desses pontos elencados por ele. Este artigo é fruto de uma reflexão teórica acerca de duas décadas de atuação no ensino de História da África, formação docente, pesquisa e atuação em todas as modalidades da educação brasileira, do ensino fundamental ao superior, passando por EJA, técnico e educação popular, através do Coletivo Fanon, junto com o Professor Orson Soares. O colonialismo efetivou um projeto de dominação que abarcava o ensino de História, regido pelas ideologias racistas do fardo do homem branco e da missão civilizadora, dentro dos quadros teóricos e curriculares do eurocentrismo. A História do colonizador foi projetada como modelo universal, como caminho inexorável a ser mimetizado pelos colonizados. Ela abarcava a materialidade e a subjetividade, pois além de livros, materiais didáticos ou pesquisas: estava presentificada/plasmada na estatuária, na arquitetura, nos nomes de ruas.

O Brasil atual, como sociedade capitalista, produto do colonialismo e escravismo colonial, continuou reproduzindo o racismo, que ao invés de sumir com o avanço do capitalismo, se reconfigurou e tornou-se mais sofisticado. Esses fenômenos de racialização estão correlacionados ao eurocentrismo e as dificuldades de implementar o ensino de História da África no Brasil, que desde a formação de professores e pesquisadores estava em geral restrito a disciplinas eletivas ou simplesmente era invisibilizado. Os currículos seguem o quadripartismo francês, replicando o eurocentrismo não apenas nos conteúdos, mas na forma curricular e nas metodologias e teorias. Segundo Mbembe (2007; 2014) a violência colonial estudada por Fanon possui três elementos correlacionados: ela atua no comportamento cotidiano do colonizado, na dimensão do passado e nas possibilidades de projetar um futuro, já que se efetiva como petrificação da realidade colonial. Neste sentido, ensinar História da África no Brasil

torna-se uma prática que combate não só o eurocentrismo mas também a própria epidermização racializante.

Com o advento da Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira, a produção acadêmica sobre História da África se desenvolveu, principalmente pelo fomento dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEABs) e pela crescente presença negra na graduação e pós-graduação em História. As ações afirmativas e suas políticas de acesso por cotas raciais foram essenciais para garantir a presença de estudantes negros na universidade. Outrora um espaço absolutamente dominado pela branquitude eurocêntrica, teve seus cânones teórico-metodológicos criticados pelos estudantes negros, que buscavam intelectuais africanos e afro-diáspóricos para pensar a História.

Quanto ao uso do passado, Fanon pode ser aproximado de outros dois grandes pensadores que criticam a prisão simbólica da tradição: Ibn Khaldun e Karl Marx. Não é à toa que Fanon coloca de epígrafe na conclusão de seu livro *Pele Negra Máscaras Brancas*, a citação de Marx, retirada de *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*. Fanon, assim como Marx, estavam interessados no processo revolucionário, na conjuração que as revoluções fazem do passado.

O Ensino de História da África hoje

Em 2009, produzi uma dissertação sobre a Lei 10.639/2003, a formação de professores e o ensino de História da África (LIPPOLD, 2009). Foi um estudo de caso no Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. No processo de redação final do trabalho, foi promulgada a Lei 11.645/2008. Nessa pesquisa, eu afirmei a importância de superar a forma eurocêntrica na qual a formação de professores de História está submetida: o quadripartismo francês. Nossos currículos continuam a reproduzir o eurocentrismo através da divisão francesa em História antiga, medieval, moderna e contemporânea. Nossos departamentos, pesquisas, nossa formação de professores e pesquisadoras, além dos próprios parâmetros curriculares nacionais, partem dessa divisão quadripartite.

O quadripartismo tem como resultado privilegiar o papel do Ocidente na história do mundo e reduzir quantitativa e qualitativamente o lugar dos povos não-europeus na evolução universal. Por essa razão, faz parte do aparelho intelectual do imperialismo. Os marcos escolhidos não têm significado algum para a imensa maioria da humanidade: fim do Império Romano, queda de Bizâncio. Esses mesmos marcos destacam a história das superestruturas políticas, dos Estados, o que também não é inocente. (CHESNEAUX, 1995: 95)

Passados catorze anos da publicação de minha pesquisa, essa afirmação continua válida, pois fortalecer o ensino de História da África não significa inserir mecanicamente conteúdos ligados a essa temática, nos currículos formatados pela teleologia eurocêntrica. A forma reproduz a ideologia de um modo muito sofisticado, a forma curricular por ser naturalizada, em geral, sumiu da crítica ao eurocentrismo.

Em 2017, eu e o Professor Orson Soares publicamos um capítulo que revisitou o tema, intitulado *Caminhos de efetivação do ensino de História da África no Rio Grande do Sul* (SOARES; LIPPOLD, 2017), onde analisamos as leis 10.639/2003 e 11.645/2008, junto com o parecer do Conselho Nacional de Educação 003/2004, acerca da operacionalização da obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afrobrasileira. A aplicação das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 tem encontrado resistências não só no descaso de governos e mantenedoras, mas no próprio espaço da sala de aula. Um exemplo dessas resistências está ligado ao racismo religioso e o avanço do neopentecostalismo na sociedade brasileira. Em uma aula na escola pública da periferia de Porto Alegre, onde eu abordava a diáspora africana, fui questionado por um aluno que resolveu sair da sala, após minha explanação sobre os povos africanos que vieram para o Brasil, pois ele afirmou que não podia aceitar aqueles conhecimentos, já que sua religião não permitia debater o tema. Mas naquele momento, eu não estava falando estritamente de religiões e sim dos povos bantu, ewe-fon, iorubá e suas culturas. Relatos de colegas docentes também apontaram esse fenômeno de tensão em sala de aula.

Colonialismo e História: eurocentrismo

Educação e colonialismo são velhos conhecidos, as recomendações do deputado francês Auguste Burdeau (POERNER, 1966: 42), feitas em 1892, para os

professores primários na Argélia ocupada pela França, denotam o *spiritus rector* do ensino colonialista:

O professor dos indígenas deve ser muito mais um agente geral da civilização elementar do que um mestre primário na acepção ordinária do termo. Seria, igualmente, melhor não dedicar muito tempo à História da Antiguidade e da Idade Média, que ocupa metade dos currículos, nem tampouco às catástrofes de nossos governos e às revoluções que ocupam uma parte da outra metade do programa. Uma coisa é formar os futuros cidadãos, os espíritos livres, racionadores, críticos mesmo; outra coisa é iniciar os pobres árabes ou kabyles nas primeiras noções da língua francesa, do cálculo, em algumas idéias sãs sobre o respectivo lugar da Argélia e da França no mundo das descobertas e nas idéias que constituem a força da civilização moderna...É importante, ainda, que os indígenas tenham de nossa pátria a idéia mais pura e elevada: nós daremos, por conseguinte, aos nossos alunos, através de lições apropriadas a sua idade e ao seu nível cultural, as noções sobre a grandeza da França, sobre sua força militar, sobre sua riqueza. Nossa situação seria bem mais sólida se os indígenas começassem a pensar: os franceses são fortes e generosos; são os melhores amos que poderíamos ter.

Notem que o quadripartismo francês é citado no documento, mas para o colonizado o ensino de História é muito mais uma internalização que o submete a ideologia da missão civilizadora, tão potente no colonialismo francês. Desse trecho podemos tirar diversos elementos sobre a educação colonial, principalmente a tentativa ideológica de separação entre o *homo faber* e o *homo sapiens*, sob a égide do paternalismo e infantilização do colonizado pelo colonizador.

O eurocentrismo criou uma narrativa teleológica de elevação da particularidade a uma falsa universalidade, isso só foi possível com o capitalismo, com a ascensão da burguesia ao poder, pois até então, a Europa era periferia do mundo islâmico. Absorvendo as inovações técnicas, tecnológicas, científicas e filosóficas, principalmente com a exploração da força de trabalho mudéjar e mourisca após a conquista do Al Andalus, com a intensa circulação de ideias científicas e filosóficas entre o Magreb e o península ibérica, e com a tradução em Toledo, do árabe para o latim, de obras fundamentais da antiguidade e de pensadores muçulmanos. Obras que revolucionaram a sociedade medieval cristã, como o Almagesto de Ptolomeu, Aristóteles, o Kitab al Manazir (O Tesouro da Óptica) de Alhazen e o Canon de Medicina de Ibn Sina.

Esta linearidade teleológica eurocêntrica, que ocultou as conexões históricas entre renascimento, modernidade e revolução científica com as contribuições

fundamentais do Islã medieval, foi criada no século XVIII pelo romantismo alemão, que deslocou até mesmo o sentido de Europa, colocando a Grécia como berço do ocidente, passando por Roma, pelo medievo cristão, até chegar na Idade Moderna (DUSSEL, 2005).

A epidermização no ensino de História: mitos, contramitos e substantificações do passado

Em *Pele Negra Máscaras Brancas*, Fanon (2020: 25-26) introduz um neologismo que pode ser pensado como conceito para compreender a alienação colonial, o processo de racialização e criação das categorias coloniais pelo branco colonizador:

[...] A análise que realizamos é psicológica. Continua a nos parecer evidente, contudo, que a verdadeira desalienação do negro requer um reconhecimento imediato das realidades econômicas e sociais. Se há um complexo de inferioridade, ele resulta de um duplo processo:

- econômico, em primeiro lugar;
- e, em seguida, por interiorização, ou melhor, por epidermização dessa inferioridade.

A epidermização atua como processo de despersonalização e é efetuada através das mídias (cinema, novelas, quadrinhos), da educação e certamente encontra no ensino de História colonialista e eurocêntrico um dos elementos de sua reprodução. Faz-se necessário pensar estratégias de contra-epidermização, que critiquem a invisibilização do ensino de História da África e as representações estereotipadas do continente africano.

Ao analisar a teoria fanoniana, em busca de apontamentos sobre o ensino de História da África, deve-se levar em conta o contexto em que Fanon escreveu suas obras. Por isso chamo de apontamentos, além disso pode-se cair em um anacronismo ou reducionismo, ao transpor mecanicamente a compreensão de Fanon sobre o uso do passado africano nas lutas anticoloniais de sua época. Dito isso, penso que esses apontamentos podem apoiar na formação de professores de História a realização de um processo de contra-epidermização. No entanto, estamos no campo da disciplina

História, onde não basta erigir contra-mitos para atacar a ideologia eurocêntrica nos currículos e na formação docente. Lidamos com fontes, com metodologias, com conceitos e teoria, com a interpretação feita pela historiadora, pelo historiador.

No processo da revolução argelina, a Frente de Libertação Nacional (FLN) buscou produzir uma contranarrativa para combater a história eurocêntrica dos colonialistas franceses:

O projeto de nação ainda estava pouco claro. Parte da população não tinha o árabe por língua materna, a exemplo dos habitantes da Cabília que participavam ativamente na guerra. Além disso, a Argélia nunca tinha tido existência territorial, o que tornava a unidade cultural o único fundamento possível da nova nação. A cultura era encarada também como instrumento para provar que o país possuía história e civilização próprias, reunindo os principais atributos de uma nação, segundo a própria definição francesa. A transformação da revolta em revolução se fundamentava na exaltação de diferença linguística, religiosa, cultural.” (ARAUJO, 2017: 413)

A construção de uma identidade cultural própria do povo argelino, era fundamental para a luta de independência, já que o colonialismo francês afirmava que a Argélia era francesa, era uma criação da França e não poderia ter um povo e formar uma nação. Em seu livro intitulado *Islam et nationalisme en Algérie, d'après El Moudjahid, organe central du FLN, de 1956 à 1962*, Monique Gadant (1988) afirma que a ideologia dos militantes da FLN tinha como aspecto fundamental a criação de uma unidade fictícia do povo argelino, que demandava negar a diversidade étnico-cultural da Argélia, baseando-se, estritamente, em uma unidade árabe-islâmica.

Nesse processo de produção de contranarrativas históricas, Farias (2003) analisa o afrocentrismo que se aproxima das estruturas narrativas do pan-germanismo, pan-turanismo, pan-eslavismo e pan-hebraísmo. Para combater a falsa universalidade eurocêntrica na História se produz uma outra tentativa de universalidade, que serviria como terapêutica de desintoxicação da alienação colonial, plasmada no ensino de História. O colonizado em sua luta produz e enuncia uma contranarrativa, um contramito que responde às mentiras do colonizador. “[...]À mentira da situação colonial, o colonizado responde com uma mentira igual.[...]A verdade, é aquilo que precipita o desmantelamento do regime colonial, é o que favorece a emergência da nação.[...]” (FANON, 2010, p.67).

Na obra *Pele Negra Máscaras Brancas*, Fanon (2020: 235) abre sua conclusão com uma epígrafe de Marx em O 18 Brumário de Luis Bonaparte:

Não é do passado, mas unicamente do futuro, que a revolução social do século XIX pode colher a sua poesia. Ela não pode começar a dedicar-se a si mesma antes de ter despido toda a superstição que a prende ao passado. As revoluções anteriores tiveram de recorrer a memórias históricas para se insensibilizar em relação ao seu próprio conteúdo. A revolução do século XIX precisa deixar que os mortos enterrem os seus mortos para chegar ao seu próprio conteúdo. Naquelas, a fraseologia superou o conteúdo; nesta, o conteúdo supera a fraseologia.

Travando um debate com o Movimento da *Négritude*, encabeçado por Senghor e Césaire, Fanon (2020) afirma que a luta do africano explorado pelo colonialismo emerge de sua própria condição material e a exaltação de um passado glorioso não bastaria, ou melhor, não garantiria por si uma humanização do colonizado que:

[...] empreenderá e travará essa luta não seguindo uma análise marxista ou idealista, mas simplesmente porque só será capaz de conceber a sua existência sob a forma de um combate travado contra a exploração, a miséria e a fome. Não nos ocorreria pedir a esses negros que corrigissem a visão que têm da história. Na verdade, estamos convencidos de que, sem saber, eles adentram a nossa perspectiva, habituados que estão a falar e a pensar em relação ao presente. Os poucos companheiros que tive a oportunidade de conhecer em Paris nunca levantaram a questão da descoberta de um passado negro. Eles sabiam que eram negros, mas, como me disseram, isso não muda nada de nada

No que estavam cobertos de razão.

A descoberta da existência de uma civilização negra no século XV não me garante um certificado de humanidade. Querendo ou não, de forma alguma o passado será capaz de me guiar no presente. (FANON, 2020: 235-236)

Fanon (2020) continua sua crítica da falsa universalidade eurocêntrica, rumo a um humanismo radical, mas também de qualquer particularismo que aceite, mesmo que para atacar o racismo e o eurocentrismo, essencialismos que colocam a técnica e a tecnologia, como frutos da história europeia. A dialética entre universalidade da condição humana e a racialização particularizante são expressos nesse trecho poucas vezes citado ou comentando nos estudos fanonianos.

O negro, por mais sincero que seja, é escravo do passado. Todavia, sou um ser humano e, nesse sentido, a Guerra do Peloponeso é tão minha quanto a descoberta da bússola. Diante do branco, o negro tem um passado a valorizar,

uma vingança a obter; diante do negro, o branco contemporâneo sente a necessidade de evocar o período antropofágico. (FANON, 2020: 237)

Pele Negra Máscaras Brancas foi publicado em 1952, era o trabalho de conclusão de Fanon no curso de medicina: foi reprovado pelo orientador que impediu a entrega do trabalho para a banca! Seu título original era Ensaio sobre a desalienação do negro. Em textos posteriores, como nos escritos do jornal *El Moudjahid* (1962), e nas obras *Sociologia de uma Revolução* (1976) e *Os Condenados da Terra* (2010), publicadas em 1959 e 1961, parece que Fanon transcende a sua construção inicial sobre o uso político-pedagógico do passado. Suas experiências como médico-chefe na Argélia colonizada pela França, sua inserção na FLN, o levou a tornar-se colaborador do jornal revolucionário *El Moudjahid*, além de ser nomeado embaixador-itinerante do Governo Provisório da República Argelina (GPRA). Sua inserção nas lutas de libertação nacional africanas o levou a uma intensa circulação de ideias e fortalecimento de redes intelectuais anticoloniais na África, Ásia, América e Europa. A participação de Fanon como protagonista da revolução argelina e africana trouxe novos horizontes para o papel da busca de um passado e de uma cultura nacional (LIPPOLD, 2022).

Na obra *Sociologia de uma Revolução*, Fanon (1976), em seu texto sobre a descolonização da radiodifusão na Argélia, revisita o tema do uso da língua do colonizador, vendo no processo revolucionário uma superação do francês como elemento de dominação colonial. Em *Pele Negra Máscaras Brancas* (FANON, 2020), a alienação colonial se fortalece com a adoção da língua francesa pelo colonizado que adota também o mundo cultural do colonizador, dentro do processo de epidermização. Para Fanon (1976), o uso do francês nas transmissões de rádio na revolução argelina transcendeu seu caráter opressor:

Igualmente en el aspecto de la comunicación debemos señalar que la lengua francesa adquiere valores inéditos. En efecto, la lengua francesa, lengua de ocupación, vehículo del poder opresivo, parecía condenada a juzgar peyorativamente al argelino por toda la eternidad. Cualquier expresión francesa en relación con los argelinos encerraba un contenido humillante. Todas las palabras francesas que escuchábamos eran órdenes, amenazas o insultos.[...]La difusión en francés de las emisiones de Argelia Combatiente liberará a la lengua enemiga de su connotación histórica. El mismo mensaje transmitido en tres lenguas diferentes, unifica la experiencia y le confiere una dimensión universal. La lengua francesa pierde su carácter maldito y revela su capacidad para transmitir también, dirigidos a la nación, los mensajes de

verdad que ésta espera. Por paradójico que puerd parecer, la Revolución argelina, la lucha del pueblo argelino facilita la difusión de la lengua francesa en la comunidad nacional. (FANON, 1976: 69).

Em março de 1959, Fanon é nomeado representante da FLN e apresenta o seu *Cultura Nacional e Guerra de Libertação* no II Congresso de Escritores e Artistas Negros, em Roma: ele clama por uma literatura de combate. A comunicação de Fanon *Culture Nationale et Guerre de Liberation* foi publicada no jornal *El Moudjahid* (1962, v.3, p. 220-222), número 39, do dia 10 de abril de 1959 e posteriormente na obra *Os Condenados da Terra* (FANON, 2010, p.271-283), com o título modificado para *Fundamentos Recíprocos da cultura nacional e das lutas de libertação*. O intervenção de Fanon, mais uma vez, como no I Congresso em Paris, destoava da maioria dos participantes:

Assim, enquanto a aposta da maioria dos intelectuais presentes no II Congresso estava no resgate de uma “civilização negra” transcendental, que ultrapasse as fronteiras nacionais e continentais, Fanon, por outro lado, pensava que o fundamento da cultura – e essa cultura deveria, para ele, ser vista sempre em seu contexto local/nacional – é a luta de libertação nacional. (FAUSTINO, 2018, p. 101)

A estruturação da obra *Os Condenados da terra* (2010) se deu durante um turbulento período de muitas viagens pela África, Ásia e Europa e da descoberta da leucemia, que fez com que Fanon acelerasse a redação do livro. Em 1960, Fanon aprofunda as conexões de suas redes intelectuais e intensifica a circulação de ideias anticoloniais: no início do ano ele obtém o título de embaixador do GPRA e viaja pela África sul-saariana, fixando a embaixada em Accra, capital de Gana independente.

Em abril ele discursa na Conferência de Solidariedade Afro-Asiática em Conakry e no mês de junho, vai a Adis Abeba, capital da Etiópia, para representar o GPRA na Conferência dos Estados Africanos Independentes. Em 27 de julho de 1960, Josie, sob o nome de Nadia Farès, envia informações de Fanon para Maspero sobre o novo livro que tinha sido anunciado meses antes, e pergunta se há o interesse de publicá-lo. (LIPPOLD, 2022: 142)

Nessa carta enviada ao editor François Maspero, Josie Fanon, sob o nome falso Nadie Farès enviou a estrutura do futuro livro de seu companheiro Frantz Fanon, *Os Condenados da Terra*, que inicialmente tinha como título *Argel-Cidade do Cabo*:

Tema: baseado na revolução armada no Magreb, o desenvolvimento da consciência e da luta nacional no resto da África.

Título: Argel-Cidade do Cabo

Repartição dos capítulos:

1. Guerra do Magreb e liberação da África.
2. Notas sobre a coragem na Argélia.
3. Moralidade e revolução na Argélia.
4. Notas sobre a psiquiatria na guerra.
5. Violência na África.
6. Psicologia e História.
7. Negritude e Civilizações Negro-africanas: uma mistificação. (FANON, 2018: 685-686, tradução livre).

O capítulo 7, *Negritude e Civilizações Negro-africanas: uma mistificação*, posteriormente, na versão final da obra, virou o capítulo IV, *Sobre a cultura nacional*. Na epígrafe do capítulo IV, intitulado Sobre a Cultura Nacional, Fanon (2010:239) cita a comunicação de Sekou Touré no II Congresso dos Escritores e Artistas Negros, no ano de 1959 em Roma: “Não basta escrever um canto revolucionário para participar da revolução africana; é preciso fazer essa revolução com o povo, e os cantos virão por si mesmos[...]”. É nesse capítulo que Fanon radicaliza suas críticas ao movimento da *Négritude*, dentro de uma compreensão dialética da importância da valorização do passado, que fora reabilitado por pesquisadores europeus, como Frobenius, das civilizações grandiosas que são exaltadas pelo colonizado em luta. Mesmo que essa descoberta de tempos gloriosos, que esse mergulho no passado não mude a situação presente de miséria dos povos colonizados, ele introduz uma mudança fundamental na consciência do colonizado:

[...]eles descobriram que o passado não era de vergonha, mas de dignidade, de glória e de solenidade. A reivindicação de uma cultura nacional passada não reabilita apenas, não justifica apenas uma cultura nacional futura. No plano do equilíbrio psicoafetivo, ela provoca no colonizado uma mutação de importância fundamental. Talvez ainda não se tenha mostrado suficientemente que o colonialismo não se contenta em impor a sua lei ao presente e ao futuro do país dominado. O colonialismo não se satisfaz em prender o povo nas suas redes, em esvaziar o cérebro colonizado de toda forma e todo conteúdo. Por uma espécie de perversão da lógica, ele se orienta para o passado do povo oprimido e o distorce, desfigura, aniquila. Esse

empreendimento de desvalorização da história pré-colonização assume hoje a sua significação dialética. (FANON, 2010: 243-244).

O colonizador cria o colonizado, o branco cria o negro e condensa a racialização dentro dos aspectos da homogeneização do outro. O contramito do colonizado é a sua resposta à mentira colonial, à história eurocêntrica, à cultura metropolitana. Mesmo criticando o essencialismo desse contramito, desse culto ao passado, Fanon (2010) defende que é um movimento necessário do colonizado, que se não o empreender, poderá ter mutilações psicológicas muito graves. O contramito desintoxica o colonizado da epidermização empreendida pelo racismo.

[...]E é verdade que a marcha do intelectual colonizado assume às vezes os aspectos de um culto, de uma religião.[...]Essa fé proclamada na existência de uma cultura nacional é, na verdade, um retorno ardente, desesperado, em direção a qualquer coisa. Para garantir sua salvação, para escapar à supremacia da cultura branca, o colonizado sente a necessidade de retornar a raízes ignoradas[...] (FANON, 2010: 251).

A dialética da descolonização pressupõe a oposição entre dois pólos antitéticos: 1) a tentativa do colonizado de se europeizar, de buscar a universalidade prometida pelos colonizadores, de tentar efetivar a liberdade-igualdade-fraternidade da ideologia eurocêntrica. 2) Ao descobrir que a promessa não se efetivou, que ao olhos do europeu ele sempre será um colonizado racializado, um negro, um árabe, o colonizado volta-se para si, descobre um passado de orgulho, que era ocultado pela História eurocêntrica, ele leva adiante um processo de afirmação total de si, do seu povo, sua cultura.

[...]Na África, a literatura colonizada dos vinte últimos anos não é uma literatura nacional, mas uma literatura de negros. O conceito de negritude, por exemplo, era a antítese afetiva, senão lógica, desse insulto que o homem branco fazia à humanidade.[...]sua reação foi admirar-se e cantarse. À afirmação incondicional da cultura europeia sucedeu a afirmação incondicional da cultura africana.[...] (FANON, 2010: 246).

No entanto a sustentação da entidade povo negro, logo encontra impasses, quando entra em cena a questão nacional, como afirma Fanon (2010: 250):

[...]A cultura negra, a cultura negro-africana se fragmentava porque os homens que se propunham a encarná-la percebiam que toda cultura é, primeiro, nacional e que os problemas que preocupavam Richard Wright ou Langston Hughes eram fundamentalmente diferentes dos de Léopold Senghor ou Jomo Kenyatta.[...]

Fanon (2010) explica como ocorrem, na sociedade colonialista, os processos de substantificação e obliteração cultural que mortificam o dinamismo da cultura local.

[...]A cultura nunca tem a translucidez do costume. A cultura foge, eminentemente, de toda simplificação. Na sua essência, ela está no oposto ao costume, que é sempre uma deterioração da cultura. Querer colar na tradição ou reatualizar as tradições abandonadas, é não apenas ir contra a história, mas contra o povo.[...] (FANON, 2010, p. 258).

Durante o colonialismo, a cultura “nativa” é mumificada e ela começa a dar sinais de dinamicidade e movimento durante o processo de resistência. A música, o teatro, a literatura e os contadores de histórias tornam a respirar com o fortalecimento da luta de libertação nacional. Segundo Fanon (2010: 276):

[...]Os contadores de histórias que recitavam episódios inertes os animam e introduzem neles modificações cada vez mais fundamentais. Há uma tentativa de atualizar os conflitos, de modernizar as formas de luta evocada, os nomes dos heróis, o tipo de armas. O método alusivo fica cada vez mais freqüente. A fórmula “isso aconteceu há muito tempo” é substituída por outra, mais ambígua: “o que vai ser narrado aconteceu em algum lugar, mas poderia acontecer aqui, hoje ou amanhã.” O exemplo da Argélia é significativo, nesse aspecto. A partir de 1952-1953, os contadores, estereotipados e monótonos, revolucionam do pés à cabeça tanto seus métodos de exposição quanto o conteúdo de suas narrações. O público, outrora disperso, faz-se compacto. A epopéia, com suas características de tipificação, reaparece. É um autêntico espetáculo que retoma o seu valor cultural.

O colonialismo não se enganou quando, a partir de 1955, procedeu à prisão sistemática desses contadores de histórias argelinos. Os agentes colonialistas sabiam do poder que os contadores de história e que os artistas populares possuem, de difundir narrativas contra hegemônicas e esse movimento é vigiado de perto.

Se na historiografia africana surgem nomes como Cheikh Anta Diop, com seu revolucionário e polêmico trabalho sobre a origem negra dos egípcios, Fanon cita o nome de Leo Frobenius¹, afirmando-o como um dos poucos europeus a valorizarem o passado das civilizações africanas (EL MOUDJAHID, 1962, v.1; FANON, 2015;

FANON, 2018), tema que o pensador caribenho aprofunda em *Os Condenados da terra* (FANON, 2010), no capítulo sobre cultura nacional.

Considerações Finais: para além da “Torre Substancializada do Passado”

Os apontamentos de Fanon sobre o uso do passado podem nos ajudar a pensar a crítica ao eurocentrismo e o ensino de História da África. Pensar o ensino História africana com Fanon é defender que os pensadores africanos e afro-diaspóricos precisam aparecer como obrigatórios na formação docente e na produção acadêmica. Ao afirmar a sua universalidade rompendo com os particularismos da racialização, Fanon (2020: 237) aponta elementos importantes para o nosso campo de ensino de História.

O problema aqui considerado se situa na temporalidade. Serão desalienados negros e brancos que se recusarem a se deixar enclausurar na Torre Substancializada do Passado. Para muitos outros negros, a desalienação virá, ademais, da recusa em considerar a atualidade definitiva. Sou um ser humano e é todo o passado do mundo que tenho a resgatar. Não sou responsável apenas pela Revolta de Santo Domingo.

Mas Fanon ataca em primeiro lugar o humanismo mutilado da burguesia branca revolucionária, que cantou a liberdade, a igualdade e a fraternidade e os direitos universais do Homem. “Inquieto pelo Homem, mas, singularmente, não pelo árabe.” criticou Fanon (1980: 52) em sua Carta a um francês! A elevação de uma falsa universalidade é fundamento do eurocentrismo e da branquitude, pois a Europa e o branco não são racializados, somente a alteridade sofre o violento processo de racialização e epidermização. Para Fanon (2020), o branco também está alienado na brancura, mesmo em situação de opressor e com todos privilégios estruturais do racismo. A teoria de Fanon é uma potência que derruba as paredes da *Torre Substancializada do Passado*, talvez por isso Césaire o chamou de Guerreiro-Sílex, em uma poema em homenagem ao intelectual revolucionário nascido no Caribe, que hoje repousa em terras argelinas.

Notas

1 Nas versões francesa e inglesa (FANON, 2015; FANON, 2018, tradução livre) há uma nota no nome de Frobenius: “As teorias do antropólogo alemão Leo Frobenius (1873-1938), tiveram uma influência considerável em Senghor e Césaire, que publicaram traduções delas durante a guerra, na revista *Tropiques*. Frobenius vê a África como composta por sociedades perfeitamente ordenadas, particularmente do ponto de vista estético, e supremamente integradas ao seu ambiente, estando a barbárie do lado das civilizações que a destroem. Sobre a visão "germânica" da África de Frobenius, ver Christopher L. Miller, *Theories of Africans. Francophone Literature and Anthropology in Africa*, University of Chicago, 1990.”

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Rodrigo Nabuco de Araujo. A voz da Argélia. A propaganda revolucionária da Frente de Libertação Nacional argelina no Brasil. Independência nacional e revolução socialista (1954-1962). **Estud. hist. (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 61, p. 401-424, Aug. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010321862017000200401&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07/10/2023 <http://dx.doi.org/10.1590/s2178-14942017000200006>.
- CHESNEAUX, Jean. **Devemos fazer tábula rasa do passado?** Sobre a História e os historiadores. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- EL MOUDJAHID**, volumes 1 (nos. 1–29), 2 (nos. 30–59), 3 (60–91) Belgrado: Beogradski grafički zavod, 1962. 2003p.
- FANON, Frantz. **Sociologia de una Revolución.** Tradução de Victor Flores Olea. 3a ed. México D.F.: Ediciones ERA S.A., 1976.
- FANON, Frantz. Carta a um francês. FANON, Frantz. **Em Defesa da Revolução Africana.** Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1980. p. 51-55.
- FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra.** 1a. reimpressão. Tradução de Enilce

- Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2010.
- FANON, Frantz. **Écrits sur l'aliénation et la liberté**. Œuvres II Textes réunis, introduits et présentés par Jean Khalfa et Robert JC Young. Paris: La Découverte, 2015. e-book
- FANON, Frantz. **Alienation and Freedom**. Edited by Jean Khalfa and Robert J.C. Young. Tradução de Steven Corcoran. London: Bloomsbury Academic, 2018.
- FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu, 2020.
- FAUSTINO, Deivison. **Frantz Fanon: Um revolucionário, particularmente negro**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018. 142 p.
- FARIAS, P. F. D. M. Afrocentrismo: entre uma contranarrativa histórica universalista e o relativismo cultural. Afro-Ásia, Salvador, n. 29-30, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21061>. Acesso em: 10 out. 2023.
- GADANT, Monique. **Islam et nationalisme en Algérie, d'après El Moudjahid, organe central du FLN, de 1956 à 1962**. Paris: Harmattan, 1988.
- LIPPOLD, Walter. **A África no curso de licenciatura em história da Universidade Federal do Rio Grande do Sul : possibilidades de efetivação da Lei 11.645/2008 e da Lei 10.639/2003**. Um estudo de caso. Dissertação. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- LIPPOLD, Walter. **Fanon e a Revolução Argelina** (2022). 3ª ed. revisada e ampliada. Niterói: Editora Proprietas/INCT/CNPq/FAPERJ.
- MBEMBE. Achille. De la scène coloniale chez Frantz Fanon. **Rue Descartes**, n° 58, 2007. p. 37-55.
- MBEMBE. Achille. **Crítica da Razão Negra**. Tradução Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.
- POERNER, Arthur José. **Argélia: O Caminho da Independência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- SOARES, Orson; LIPPOLD, Walter. Caminhos de efetivação do ensino de História da África no Rio Grande do Sul: entre as leis e a práxis. CARDOSO, Paulino (org.) **História da África: balanços, desafios e perspectivas**. Itajaí: NEAB; Casa Aberta Editora, 2017. p. 141-171